



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6502 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

“É UMA CAIXA MÁGICA!” ENTRE OS ENCANTAMENTOS DO BRINCAR E AS DESCOBERTAS DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Elisa Carneiro Santos de Almeida - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

“É UMA CAIXA MÁGICA!” ENTRE OS ENCANTAMENTOS DO BRINCAR E AS DESCOBERTAS DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

1 INTRODUÇÃO

“Não é uma caixa! ”, responde a criança, quando lhe perguntam porque está a brincar com uma caixa de papelão. Uma simples caixa de papelão convida a criança a voar, a escalar montanhas, a andar de barco, a passear num elefante e até ir à lua. Uma caixa para a criança que brinca, não é uma caixa! Pode ser mil e uma coisas, basta dar lugar a um brincar liberto, espontâneo, inventivo. Quando o brincar é livre qualquer objeto pode se transformar em uma aventura fantástica, pode ganhar vida, pode ser mágico! Para isso, basta deixar a criatividade brotar. Na brincadeira livre tudo é possível e a imaginação da criança é seu maior combustível.

Mas como será que anda o brincar das crianças na era *touch screen*, na era da *Internet*, na era *smartfone*? Ao deslizar os dedos tenho o mundo na palma da mão, escolho o jogo, o vídeo, o blog, o chat, enfim tudo é possível no universo virtual, que despensa a interação com o outro, o toque e a presença. Em tempos imediatistas, a crianças não tem tempo a perder, tudo é “pra já”! Como se já não bastasse as restrições geradas pelo uso de aparelhos eletrônicos, as crianças ainda sofrem as influencias midiáticas e seus efeitos no consumo. Os brinquedos piscam, brilham, falam, andam e as crianças vão acumulando um amontoado de novidades tecnológicas e efêmeras.

A atual configuração das sociedades contemporâneas tem contribuído para o desaparecimento da infância, da brincadeira na rua, na porta de casa, no campinho do bairro, no quintal. No passado não muito distante, a criança brincava! Hoje, nos centros urbanos, com o desenvolvimento complexo da sociedade e as mudanças que esse desenvolvimento acarreta nos modos de vida, a criança brinca cada vez menos. A escola para muitas crianças tem sido o único espaço de brincar, o que a convoca a ser o lugar de resgate da brincadeira como parte integrante da infância (FRIEDMAN, 2016).

Embora atualmente as discussões e reflexões acerca da qualidade a ser oferecida na Educação Infantil estejam em foco, algumas escolas ainda esbarram em concepções ultrapassadas, práticas escolarizantes e conteudistas que não valorizam o brincar como essência da infância, ficando visível a contenção de corpos. Ainda mais quando estamos falando da educação para as crianças pequenas, em que historicamente estiveram excluídas do sistema público educacional, sendo considerada pouco importante, restringindo-se apenas a espaços de cuidado, higienização e alimentação (KRAMER, 2005; CERISARA, 2002).

Neitzel (2012), assim como Almeida (2008), observaram em suas pesquisas que as professoras de educação infantil reservavam à brincadeira a um lugar fragmentado na rotina escolar, configurando-se como tempo de recreio infantil ou de uso de brinquedos e jogos no início ou final do período de aula. Perceberam que, ao mesmo tempo em que enfatizavam a importância do brincar para as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças pequenas, não a garantiam em suas práticas pedagógicas.

Considerar a brincadeira como um apêndice sem questionar suas funções enquanto proposta educativa é uma postura que revela a inconsistência de um projeto educativo baseado no brincar, sem considerá-la como uma atividade em si mesma, que deve nortear a proposta pedagógica da escola de educação infantil.

As concepções acerca do brincar são perceptíveis nas unidades escolares através da organização de seus espaços, da seleção e disposição de materiais, do tempo destinado no planejamento para a brincadeira. Carneiro e Dodge (2007) afirmam que o brincar está fora da escola de educação infantil, pois a maioria das instituições “preocupa-se mais em ensinar conteúdos às crianças – conhecimentos que, na maioria das vezes, estão desvinculados da sua realidade” (p.144), o que acaba contribuindo para a redução de momentos do brincar livre e espontâneo, interferindo no desenvolvimento da autonomia e criatividade infantil.

Hoje, a educação da criança pequena faz parte da educação básica e integra o sistema público de educação, sendo considerada como questão de direito, cidadania e de qualidade. Reconhece-se a criança como ser capaz de produzir história e cultura a partir da interação social estabelecida com os seus pares. Dessa forma, a medida que brinca e se relaciona com o adulto e outras crianças, a criança começa a criar, recriar e produzir suas próprias opiniões e maneiras de compreender o mundo em que vive (BARBOSA e FORTUNA, 2015).

Como atividade principal da criança, o brincar deve ser vivenciado com liberdade e conduzido pela criança. O brincar livre e espontâneo permite a criança vivenciar experiências significativas, estimula as relações afetivas e a desafia o tempo todo com novas descobertas. Brougère (2002, 2004), Lopes (2016), Kishimoto (2007, 2012) e Friedmann (2016) reforçam, afirmam e defendem a necessidade do brincar livre para que a criança possa ter a oportunidade de ser criativa, de tomar decisões, expressar sentimentos, conhecer a si mesma, as outras pessoas e o mundo em que vive. Sobre isso, D'Ávila (2007) ressalta que quando o brincar é livre a ludicidade encontra morada, e se faz presente no desenvolvimento psicológico, social, emocional e cognitivo da criança.

Diante do quadro apresentado, muitos questionamentos surgem: Qual o tempo dentro da rotina da escola de educação infantil é destinado ao brincar? As crianças têm o direito de brincar livremente na escola? Qual a importância do brincar livre para a criança? Qual é o papel do professor nesses momentos?

Como professora de educação infantil fui tocada a pensar os espaços, tempos e materiais destinados ao brincar na educação infantil, e desvelar como nessa profissão nós professores lidamos, desenvolvemos práticas, saberes, ações, modos de ver e viver o brincar livre, social e espontâneo com as crianças. Para conhecer, revelar e desvelar tais experiências

vivenciadas no cotidiano das crianças e professoras, trago como suporte metodológico a pesquisa-ação, por permitirem às professoras, apropriarem-se dos seus processos de formação e darem a esses processos um sentido, no qual pesquisadores e participantes estarão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

A “Caixa Mágica” surge como uma possibilidade de enriquecimento para esta pesquisa e todas as outras que se preocupam com o brincar livre nas escolas de educação infantil, pois funcionará como um dispositivo mediador do brincar livre a partir de materiais não estruturados seguindo as orientações e especificidades da faixa etária a que se destina.

A partir dessas implicações, o objetivo desta pesquisa é buscar refletir e analisar sobre os sentidos e a forma como cada uma das crianças e professoras revelam e (re)significam o brincar livre e espontâneo com brinquedos não estruturados em escolas de educação infantil da rede pública municipal de Feira de Santana, abordando como a “Caixa Mágica” potencializa o brincar livre com os seus pares (professor-criança, professor-professor, criança-criança).

2 DESENVOLVIMENTO

Quando as primeiras escolas de educação infantil começaram a ser introduzidas na Europa Ocidental entre os séculos XVIII e XIX, o brincar não tinha valor educativo. Acreditava-se apenas que as necessidades infantis estavam restritas aos cuidados e a instrução. Somente a partir do século XX, o brincar passa a ser visto não só como importante no desenvolvimento, mas como um componente essencial do desenvolvimento social, intelectual e cultural da criança (MANSON, 2002).

Essa nova concepção direcionada ao brincar foi sustentada por argumentos de perspectivas teóricas como a “psicanálise (que sugere o papel do brincar na expressão de emoções e na elaboração de conflitos pessoais) e a biologia evolutiva (que sugere o valor do brincar para todas as espécies mamíferas)” (SMITH, 2006, p.29). A isso, soma-se as mudanças socioeconômicas quanto a diminuição da natalidade e mortalidade infantil, crescimento da indústria de brinquedo, que levaram a construção de uma concepção de criança distinta do adulto, enfatizando suas diferentes necessidades. Assim, o respeito pelo brincar se consolida e este passa a ser visto como uma atividade indispensável ao desenvolvimento infantil.

O brincar também passa a ser um direito assegurado à criança pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) que estabelece em seu artigo 24 “o direito ao repouso e ao lazer”, pela Declaração dos Direitos da Criança (BRASIL, 1959), em seus artigos 4 e 7, que confere aos meninos e meninas o “direito à alimentação, à recreação, à assistência médica” e ainda, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) em seu capítulo II, art. 16, parágrafo IV, que considera que o direito à liberdade compreende os aspectos do “brincar, praticar esportes e divertir-se”.

Apesar de constituírem um avanço, as atividades lúdicas do brincar livre, do brincar pelo prazer de brincar, ainda não recebem a devida importância por parte dos diferentes atores que compõem o cenário escolar.

Garantir o direito ao brincar é chave para desenvolvimento integral das crianças. Quando brinca o desenvolvimento da criança pode atingir níveis mais avançados, produto das interações e trocas estabelecidas entre os pares e o ambiente, que geram situações de negociação, convivência, resolução de problemas, envolvimento em situações imaginárias, entre outros.

Segundo Brougère (2002, 2004), o repertório de brincadeiras cujos esquemas básicos ou rotinas são partilhados pelas crianças compõe a cultura lúdica infantil, ou seja, o conjunto de experiências que permite às crianças brincarem juntas. Como esse repertório não é estático, ele sofre influência de elementos dos vários contextos: físicos (do ambiente apresentados à criança) e simbólicos (significado dado por elas). Todos estes elementos, reinterpretados pelas crianças, são associados à suas experiências lúdicas, possibilitando a elas a criação de novas brincadeiras.

Para uma atividade ser configurada como brincadeira, segundo Borba (2007), ela deve atender aos requisitos básicos: “ser livre, espontâneo, não ter hora marcada, nem resultados prévios e determinados” (p.43). Ela deve permitir “a fruição, a decisão, a escolha, as descobertas, as perguntas e as soluções” (p.43), pois constituem estratégias atrativas, motivadoras e prazerosas para propiciar às crianças novas interações entre elas e com o conhecimento. Mas afinal, brincar livre significa o quê? As crianças brincam sozinhas? É deixá-las soltas fazendo o que querem? Precisa disponibilizar algum material?

O brincar costuma aparecer na escola em brincadeiras com regras, com horário para começar e acabar, com restrição de espaço e muitas vezes é usado como estratégia pedagógica para alcançar um ou mais objetivos de aprendizagem. Entretanto, o convite aqui é pensar esse conceito de uma nova maneira.

Brincar livremente significa dar a possibilidade de escolha para a criança, deixar fluir a criatividade, em seu próprio tempo e termos, e inventar a sua própria brincadeira.

Lopes (2016) nos convoca a pensar o brincar de forma social e espontânea, como uma manifestação da ludicidade, que proporciona a comunicação, a literacia e a cidadania. Para a pesquisadora o brincar social espontâneo das crianças é uma atividade estruturante que através da interação com os seus pares permite a formação da sua identidade.

Diferente da ludicidade presente nos jogos, o brincar social espontâneo possibilita muito mais do que ganhar e perder, nesse brincar “as alegrias e tristezas, concordâncias e discordâncias, tudo faz parte do processo de coparticipação e co-criação das regras que regulam a interação, assim eu me vejo, assim eu quero que tu me vejas” (LOPES, 2016, p.14). Ela está impregnada de valores, hábitos, modos do seu grupo social. Como sugere Borba (2007), a brincadeira se desenvolve a partir do ambiente cultural em que a criança está inserida.

A brincadeira como uma atividade social envolve o prazer e a criação, na qual realidade, fantasia e imaginação interagem, possibilitando novas formas de ação e expressão da criança, como também possibilita a construção de novas relações sociais com outros sujeitos, a recriação de sua vivência cotidiana, à reprodução de modos culturais de ação com objetos e modos das relações interpessoais vividas.

Mais recentemente, o brincar passou a ser garantido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) e na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), que o apresentam como um eixo norteador para a educação infantil, compondo parte de um dos seis direitos de aprendizagem da criança nas escolas. Sendo assim, ao reconhecer o brincar como um potencializador do desenvolvimento integral da criança, é salutar garanti-lo nas práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas. Mas como trazer o brincar livre, social e espontâneo para dentro das escolas de educação infantil?

Transformar a educação infantil num momento interessante, verdadeiro e profundo para os pequenos é um desafio, do qual o brincar livre é um grande aliado. As crianças nos dão bons sinais para proporcionar intervenções adequadas e que desperte nela o prazer nos

momentos do brincar.

Nesse sentido, Brougère (2006, p.62), compreende que “o brinquedo é aquilo que é utilizado como suporte numa brincadeira, podendo ser um objeto não estruturado ou um objeto fabricado por aquele que brinca”. Ao ter que estruturar, fabricar seu próprio brinquedo ou brincadeira, a criança precisa recorrer a funções cognitivas, como organização, planejamento, flexibilidade, criatividade, manutenção da atenção, memória operacional e diversas outras capacidades mentais que vão perdurar até terminar a brincadeira.

Para Hortelino (2017) o brinquedo é um organismo vivo, é tudo que envolve o brincar. “A roda, o jogo, a cantiga. É uma palavra que traduz desde o objeto com o qual se brinca, a estrutura brincante até o próprio fenômeno lúdico” (p.32). Nele cabe tudo, cabe a cantiga, a palavra, a ação e em seu movimento próprio e ganha vida quando é brincado. Para a pesquisadora as brincadeiras e os brinquedos interferem na formação da identidade do sujeito desde a primeira infância até a vida adulta, pois são “as experiências vividas por meio desses brinquedos e brincadeiras que formam o ‘território sagrado da infância’— o lugar dentro, onde as artes encontram substrato e fincam suas raízes, potencializando a manifestação criadora” (p.32).

Momentos como estes, em que as crianças brincam, exploram o ambiente e os materiais, se expressam, estabelecem relações e realizam trocas, demonstram seus gostos e preferências são situações valiosas para a professora observar para conhecer melhor as crianças com quem atuam, compreendendo seus modos próprios de viver, sentir, pensar, agir e relacionar-se no mundo. Vamos brincar?

3 CONCLUSÃO

Espera-se que a pesquisa em andamento, tenha impacto no campo da teoria e das práticas no contexto do ensino e da aprendizagem, bem como da ciência. Em relação à comunidade acadêmica, espera-se com esta pesquisa fortalecer uma cultura institucional de análise das práticas pedagógicas de professores da educação básica, mais especificamente educação infantil a partir de um olhar sensível para o brincar livre. Sendo assim, a análise dos dados que serão coletados durante a pesquisa, poderão possibilitar aos sujeitos (professora-pesquisadora e professoras-pesquisadas) abrir a “Caixa Mágica” e descobrir os potenciais que os materiais não estruturados ganham nas mãos de uma criança, refletir sobre si como um adulto brincante, identificando as experiências que lhes foram significativas e formadoras.

PALAVRAS-CHAVE: brincar, educação infantil, brinquedos não estruturados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.T.F. O brincar e o professor de Educação Infantil. In: **Revista Avisa lá**. Edição 34, Abril de 2008. Disponível em: <<http://avisala.org.br/index.php/assunto/reflexoes-do-professor/o-brincar-e-o-professor-de-educacao-infantil/>> Acesso em: set. 2019.

BARBOSA, C.; FORTUNA, T. O brincar livre na sala de aula de Educação Infantil: concepções de alunas formandas da licenciatura em Pedagogia. Aprender – **Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**. Ano IX, Nº15 jul/dez – Dossiê – Educar e Brincar, 2015.

BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. A infância e sua singularidade; organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília :

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 1/1999. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2009.

_____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

_____. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 16 ago. 2019.

BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1998.

_____. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T. (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

CARDOSO, M. C.; D'ÁVILA, C; XAVIER, A. A. **O potencial do brincar livre no ambiente escolar do ensino fundamental**. I ENCONTRO INTERNACIONAL DE CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS DO RECÔNCAVO, Santo Amaro, Bahia, 2017.

CARNEIRO, M. A. B.; DODGE, J. J. **A descoberta do brincar**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007.

CERISARA, A. B. **Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.

D'ÁVILA, C. M. Eclipse do Lúdico. In: D'ÁVILA, C. (Org.) **Educação e Ludicidade**. Ensaio 04. Salvador: UFBA/FACED/ GEPEL. 2007.

FRIEDMANN, A. **Brincar: crescer e aprender – o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Editora Moderna, 2016.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HORTELIO, L. **Caderno brincar: propostas de reflexão sobre brincadeiras e práticas inclusivas para professores de educação infantil [recurso eletrônico]**, orgs. Juliana Matteucci e Tizuko Morchida Kishimoto; ilustração Estúdio Rebimboca, volume 1, São Paulo: Associação Nova Escola, 2017.

KRAMER, S. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e fundamental**. Campinas, 2006.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação**. Ed.5ª, São Paulo: Cortez, 2001

LOPES, M. C. **Brincar Social Espontâneo na Educação de Infância: um estudo**. dez, 2016. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/313853101>>. Acesso em 3 mar. 2017.

MANSON, M. **História do Brinquedo e dos Jogos: brincar através dos tempos**. 2ª ed.

Lisboa: Editorial Teorema, 2002.

NEITZEL, S. T. L. **Brincadeira e aprendizagem: concepções docentes na Educação Infantil**. 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em <http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php>. Acesso em: 20 de ago. 2019.

_____. **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. 1959. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm>. Acesso em: 20 de ago. 2019.

SMITH, Peter K. O brincar e os usos do brincar. In: MOYLES, Janet et al. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 25-38.